

O ENSAIO E A MICRO-HISTÓRIA

Marcos Aurélio Dornelas da Silva

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua portuguesa a palavra ensaio deriva do latim tardio *exagium*, ii 'ato de pesar', por extensão, 'ponderar, avaliar'; já apresentando também o significado de 'prova'. A primeira vez em que foi utilizada no vernáculo português data do século XIII: *enssay*. Já o Dicionário Aurélio da língua portuguesa além de mencionar a origem do latim tardio coloca a expressão como derivada do francês no seu uso moderno. Derivada do francês e mais especificamente de um francês. Montaigne deu sentido ao termo e deu um significado particular, tanto é assim que as definições aplicadas sobre o termo, no sentido de diferenciá-lo de outros tipos de escrita literária e até as subdivisões de tipos de ensaios levam em conta os Ensaios pioneiros de Montaigne em 1580.

Como coloca o autor do texto que nos serviu de base, o ensaio situa-se entre o didático e o poético, e distingue-se pela manipulação impar de idéias de um particular estilo e caracteriza-se ainda por uma estrutura alicerçada numa flexibilidade formal, devendo também, e por que não dizer principalmente, estar ancorada na subjetividade.

Ora, esta definição está concomitante com as propostas da micro-história. A micro-histórica é uma filha italiana e melhorada da francesa história das mentalidades, sua principal diferença em relação a sua predecessora é o descompromisso micro-histórico com as explicações globalizantes. Por outro lado a história das mentalidades já constituía um grande avanço em relação a história dita historizante. Dessa forma há várias formas de se fazer a história. E a resposta que melhor se adéqua a pergunta sobre se é possível o historiador ser ensaísta passa pelo tratamento das fontes, pelo tratamento da teoria, ou seja pela filiação desse historiador a determinada corrente historiográfica.

Não podemos dizer que é possível a um historiador ser ensaísta, porém nos é permitido dizer que um autor de obras típicas da micro-história busca atingir os objetivos manifestos nas definições de ensaios a que tivemos acesso. Vamos aqui tentar aproximar as duas idéias: o ensaio e a micro-história. Baseando-nos no que consideramos características comuns às duas práticas.

Vamos as características comuns.

Primeiro, manipulação de uma idéia impar como geralmente se pede de um ensaísta, está próximo do principio da diminuição de escala tão caro a micro-história. Diminuir a escala significa algo como se aproximar de um objeto com uma lupa no intuito de perceber nele peculiaridades ainda não observadas, ou seja a busca de idéias impares. Na prática micro-histórica chega-se mesmo a veticalizar, ou num outro sentido, personalizar um estudo. Chega-se tão próximo em relação a vida de uma única pessoa e de seu contexto social mais próximo, que os críticos da micro-histórica acusam-na de pretender tornar um caso extremo em típico, não é o caso, o micro-historiador não pretende estender suas explicações a outros contextos que não o seu, o exemplo clássico é o do livro de Carlo Ginzburg sobre um moleiro *O queijo e os vermes*. O fato de ser um personagem periférico também é uma característica dessa obra que a aproxima do caráter ensaístico, mas não podemos dizer que essa é uma característica da corrente micro-historiográfica já que há um estudo sobre Galileu elaborado sob as premissas micro-históricas, o livro de Pietro Redondi *Galileu Eretico* é também um clássico da micro-história; não se pode dizer que Galileu seja um personagem periférico na história ocidental.

A flexibilidade estilística é uma segunda aproximação entre micro-história e o que estamos considerando características do ensaio. O tom, no mais das vezes, das obras micro-históricas é próximo ao coloquial, permitindo que não iniciados possam ler todo um livro sem precisar consultar obras 'mais gerais' no sentido de buscar um entendimento global. A obra micro-histórica é auto-explicativa, e por isso única. Suas análises não devem (e nem pretendem) ser estendidas além de seus muros comunitários da explicação, bem a moda Geertziana da descrição densa.

Terceiro, pela sua particularidade a obra micro-histórica é bastante subjetiva, e num certo sentido dependente de intuições e de uma incansável observação para ler nas entrelinhas. Mas uma vez lembrando Ginzburg, é analisando processos judiciais da Inquisição que o autor remonta a vida de

Menochio, o Moleiro. Nesse sentido o ofício do historiador seria próximo a atividade do detetive e do médico que pelos indícios e pequenas provas reconstruí um mundo de significação, no caso do detetive, o crime, no caso do médico, a doença.

Porém a liberdade de que se vale o historiador não deve prescindir de provas. Ai temos mais uma aproximação: a subjetividade ensaística deve estar ancorada numa verdade, ainda que provisória (qual a verdade não provisória?), e não numa anunciação dogmática, o ensaio é livre na sua forma, mas não deve ser irresponsável nas suas conclusões. O mesmo podemos dizer da micro-história.